

O POMAR DAS ALMAS PERDIDAS, DE NADIFA MOHAMED: ROMANCE AFRICANO DE AUTORIA FEMININA, PERSPECTIVAS DE GÊNERO E PODER NA SOMÁLIA PÓS-INDEPENDÊNCIA

ADRIANA CRISTINA AGUIAR RODRIGUES

PPGL-UFAM/PPGLA-UEA

adrianaaguiar@ufam.edu.br

Orcid/0000-0002-2192-9981

FECHA DE RECEPCIÓN: 20-11-2025

EMILY LIMA MATOS

UFAM

FECHA DE APROBACIÓN: 12-12-2025

Resumen

Propomo-nos, neste artigo, a uma análise do romance africano contemporâneo de autoria feminina, intitulado *O pomar das almas perdidas*, da autora somali-britânica Nadifa Mohamed. A partir de uma interpretação crítica dos discursos das personagens femininas, buscamos compreender as especificidades das experiências das mulheres em meio a conflitos que se instauram na Somália a partir dos anos 1960, conforme representados na obra de Mohamed. Destacam-se, nesse processo, os impactos dos conflitos armados no contexto pós-independência sobre os papéis de gênero e as formas de agência feminina. As análises indicam que a narrativa se configura como um arquivo literário-imaginário de vozes de mulheres, a partir das quais se vislumbram as angústias, as múltiplas formas de violência, mas também de resistência e de agência que atravessam as experiências das personagens. Trata-se, em nosso modo de entender, de um romance que opera como arquivo polifônico, capaz de reunir perspectivas diversas de mulheres que, em distintas faixas etárias, distintos espaços socioeconômicos e situações de opressão, confrontam e procuram subverter as estruturas de poder em que se encontram imersas.

Palavras-chave: romance africano contemporâneo; autoria feminina; gênero;



Introdução

A literatura contemporânea em África tem testemunhado uma expansão significativa, especialmente no domínio

de narrativas ficcionais criadas por autoras (quer vivendo em países do continente, quer em situação de diáspora), as quais, com um olhar crítico, voltam-se para as dinâmicas sociais e culturais de suas diversas regiões de ori-

gem (Gagiano, 2015, p. 187). Não raramente ancoradas nas perspectivas dos feminismos africanos, tais obras desempenham um papel crucial na construção de discursos históricos e sociais, promovendo reflexões que atravessam



Nadifa Mohamed. Fonte:wiriko.org

as complexas relações políticas que permeiam essas nações. Não obstante, historicamente, é certo que a predominância masculina no discurso anticolonial resultou na marginalização das vozes femininas no campo literário, ocasionando o apagamento das experiências das mulheres na resistência e contestação ao colonialismo, bem como nos contextos políticos (não raramente instáveis) que se instauraram no período pós-independência.

Como observa Woodward (2014), as identidades nacionais africanas têm sido formuladas predominantemente a partir de uma ótica masculina, o que frequentemente contribui para a invisibilidade das vivências femininas, especialmente em contextos de guerra e instabilidade sociopolítica. Logo, esse silenciamento histórico tem dificultado a construção de interpretações que abordem as transformações sociais e históricas sob uma perspectiva genuinamente feminina. Na contramão desse paradigma, Laverde (2017, p. 82) sublinha o esforço das escritoras de origem africana em revisar e representar as realidades de suas sociedades, adotando uma abordagem que entrelaça etnia, classe e gênero, e destacando a urgência de reconhecer a hibridez das identidades diáspóricas de algumas dessas autoras, cuja produção literária contribui para a tradução transcultural de suas narrativas.

Sob a égide dos Estudos Culturais, Leila Harris

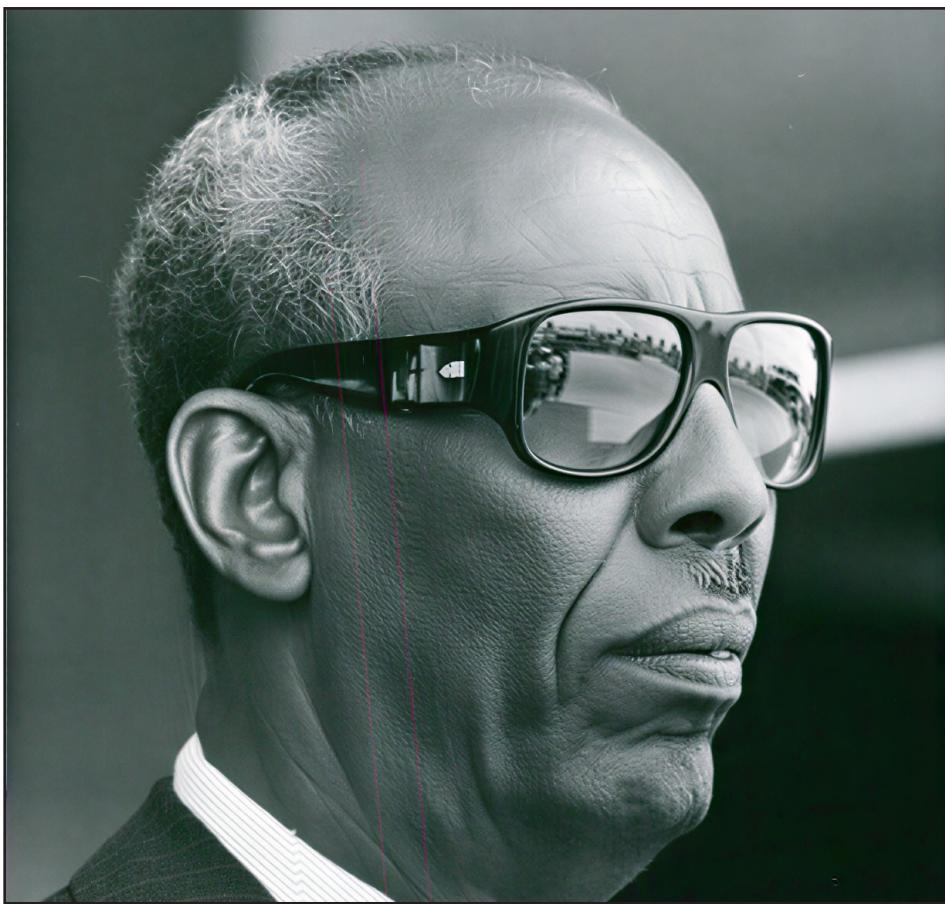
(2009), ao dialogar com as perspectivas de Edward Said e Stuart Hall, argumenta que autoras que migraram ainda na infância ou adolescência enfrentam uma permanente tensão identitária, marcada pela hibridez cultural. Nesses casos, tanto as escritoras quanto suas personagens refletem complexas interseccionalidades, construindo subjetividades que resultam das experiências de deslocamento geográfico e das rupturas socioculturais que condicionam suas existências. Assim, de acordo com Harris, embora essa condição de deslocamento diáspórico frequentemente se traduza em experiências de “marginalização, exclusão, e angústia pelo não pertencimento” (Harris, 2009, p. 61-62), por outro viés, também há um campo de possibilidades para os processos de agência, reconfiguração da autonomia e síntese identitária.

Dito de outro modo, ao longo da história, a produção literária africana e afro-diásporea tem sido assinalada pela atuação das mulheres, cujas contribuições (para além do campo da ficção) se configuraram como elemento estruturante na construção de narrativas e discussões epistemológicas em África e, de modo mais específico, na Somália (Medie, 2019; Nnaemeka, 2004; Ossomee, 2020; Mohanty, 2020; Bushra; Gardner, 2004; Oyéwùmí, 2020; Ingriis; Hoehne, 2013). No entanto, suas produções, sobretudo no gênero romance, foram frequentemente subestimadas, especial-

mente quando comparadas à escrita de autoria masculina (Martins, 2011; Bamisile; 2012). Apesar dessa marginalização histórica, de acordo com a pesquisadora Stela Saes (2021), as últimas décadas testemunharam um crescimento expressivo na publicação de narrativas ficcionais escritas por autoras africanas, o que reflete uma transformação no campo literário e na recepção crítica dessas obras. Segundo Trindade e Fidalgo (2023), esse aumento da visibilidade das escritoras africanas está relacionado a um movimento de inflexão na terceira onda dos feminismos ocidentais, que passou a direcionar maior atenção às produções literárias do continente africano. Tal mudança, no entanto, não deve ser compreendida como uma introdução tardia das mulheres africanas no debate feminista, mas sim como um reconhecimento tardio, por parte do Ocidente, de discursos que sempre estiveram presentes na África e que, historicamente, construíram suas próprias narrativas e epistemologias (Medie, 2019; Nnaemeka, 2004; Ossomee, 2020; Mohanty, 2020; Bushra; Gardner, 2004; Oyéwùmí, 2020; Ingriis; Hoehne, 2013).

No panorama da literatura africana e afro-diásporea contemporânea, as obras de Nadifa Mohamed, autora que aqui nos interessa de modo particular, destacam-se por oferecer, sincronicamente, representações críticas da realidade somali, mesmo inserida em um contexto diáspórico. Nascida em 1981, na cidade de Hargeisa, atual capital da Somalilândia – região autônoma no noroeste da Somália –, a escritora mudou-se com sua família para Londres em 1986. No Reino Unido, teve acesso a uma educação formal estruturada pelo sistema britânico, culminando em sua formação acadêmica em História e Política pela Universidade de Oxford. Inicialmente inclinada a seguir carreira diplomática, a escritora e intelectual posteriormente redefiniu sua trajetória profissional, dedicando-se à literatura.

Em suas obras, a romancista insere-se em um campo discursivo caracterizado pela interseção entre memória e oralidade, além de articular um discurso crítico sobre as questões de identidade, deslocamento e pertencimento no contexto pós-colonial africano – o que desafia as fronteiras epistemológicas entre historiografia e ficção, sobretudo no que tange às estruturas de poder que subjugaram as mulheres somalis em contextos de repressão política. Sendo assim, fundamentada em um corpus de memórias individuais e coletivas, a produção literária de Nadifa Mohamed, de



Ex-ditador somali, Siad Barré. Fonte: imsvintagephotos.com

acordo com entrevistas concedidas pela própria autora (Mohamed, 2017a; 2017b; Matzke, 2013), busca estabelecer um diálogo entre as experiências de seus pais na Somália e os testemunhos de diversas mulheres inseridas nesse contexto. Esse patrimônio memorialístico e identitário constitui a base estruturante de suas principais obras, a saber: *Menino Mamba-Negra* e *O Pomar das Almas Perdidas*, o qual tomamos como objeto de análise neste artigo.

Como afirma Dunlop (2013, p. 115), a produção de escritores diáspóricos não pode ser dissociada das suas experiências migratórias, uma vez que a discussão sobre raça, cultura e identidade se entrelaça indissociavelmente com as variáveis de classe social, gênero e outros fatores socioeconômicos. *O Pomar das Almas Perdidas* reflete essa complexidade ao evidenciar não apenas a instabilidade do pertencimento, mas também as tensões resultantes da vivência em espaços culturais múltiplos e contraditórios, evidenciando a experiência do entre-lugar como elemento constitutivo de sua identidade literária. Logo, ao recorrer à ficção, Mohamed transporta para o campo literário os debates que moldaram a história somali,

abordando temas como deslocamento forçado, colonialismo e suas persistentes ruínas, violências estruturais e, principalmente, a resistência feminina diante de regimes totalitários.

Ancorada em pesquisas historiográficas e moldada tanto por experiências familiares quanto por eventos históricos, a obra de Nadifa Mohamed que aqui vamos analisar, publicada originalmente em inglês com o título *The Orchard of Lost Souls*, conquistou significativa aclamação crítica, sendo laureada com o *Somerset Maugham Award* (2014) e incluída na pré-seleção do *Dylan Thomas Prize* (2014). A narrativa se ambienta em Hargeisa, Somália, no ano de 1987, sob o regime autocrático de Siad Barre, evidenciando um contexto pós-independência marcado pela continuação de estruturas de dominação. Como observa Hans Rollmann (2015), a autora utilizou entrevistas e análises documentais para conferir autenticidade à reconstrução ficcional desse período.

Publicado no Brasil com o título *O Pomar das Almas Perdidas* (2016), o romance explícita a disseminação da violência estatal e a persistência de dinâmicas coloniais e patriar-

cais que moldam a sociedade somali. Nesse sentido, a narrativa é construída a partir das vivências de três mulheres (Kawsar, Deqo e Filsan), de diferentes gerações, classes sociais e origens, com trajetórias inevitavelmente marcadas pelo contexto opressivo que as cerca. Assim, em contraposição às representações estereotipadas frequentemente associadas à Somália na mídia ocidental, Mohamed, a partir de protagonistas femininas, propõe uma abordagem alternativa, incitando uma reflexão sobre a complexidade histórica e cultural do seu país de origem (Oliveira, 2018).

A estrutura narrativa, ao longo de aproximadamente trezentas páginas, articula-se por meio das histórias interdependentes e, por vezes, autônomas das três protagonistas. Deqo, uma menina de nove anos, nasce e cresce em Saba'ad, um assentamento dentro de um campo de refugiados, de onde foge após uma série de adversidades. Kawsar, uma viúva sexagenária, carrega as marcas indeléveis da perda brutal de sua única filha sob o regime de Siad Barre, figurado na obra pelo personagem Oodweyne. Por fim, Filsan, uma oficial das Forças Armadas somalis, tem suas crenças ideológicas gradualmente desafiadas ao longo da narrativa, à medida que confronta (e é confrontada pelas) complexidades políticas e morais do contexto instável e autoritário em que está inserida.

Fundamentando-nos nos estudos de Nick Tembo (2019), observamos que o romance se desdobra em duas dimensões narrativas interligadas, a saber: uma dimensão pública, que analisa os impactos históricos da guerra civil e das revoluções subsequentes, e uma dimensão privada, que explora o trauma individual, o isolamento e a resistência das personagens. As protagonistas percorrem trajetórias de insubmissão, reivindicando direitos e desafiando a violência que, além de lhes infligir sofrimento, destrói suas comunidades. Dessa forma, suas experiências pessoais são ressignificadas em uma complexa rede de relações que simultaneamente conformam e subvertem suas subjetividades.

Em termos de organização estrutural, o romance divide-se em três partes. Em síntese, a primeira seção apresenta o encontro fortuito das protagonistas, desencadeando eventos que redefinirão de maneira irreversível seus percursos na narrativa. A segunda parte, por sua vez, aprofunda a individualidade de cada personagem, segmentando-se em capítulos nomeados conforme suas res-

pectivas perspectivas: Deqo, Kawsar e Filsan. Por fim, na terceira parte da narrativa, dá-se um reencontro inesperado, ocasião em que as três personagens femininas se apresentam profundamente modificadas pelos acontecimentos políticos e sociais, seja em termos psicológicos, marcados por traumas e processos de reelaborações subjetivas, seja em termos físicos – particularmente no caso de Kawsar, cuja corporeidade evidencia de modo mais imediato os efeitos da violência e da repressão. Dessa maneira, ao longo das três seções, a obra evidencia a interação entre as esferas individual e coletiva, revelando como os destinos das protagonistas estão diretamente relacionados aos desdobramentos históricos da Somália.

Ademais, a narrativa, conduzida por um narrador onisciente, oferece uma visão panorâmica do contexto político e socioeconômico somali, explorando o impacto do regime ditatorial tanto na vida das protagonistas quanto na de outras personagens femininas inseridas nesse cenário de repressão. A decisão de Mohamed de centrar sua narrativa em três mulheres pertencentes a diferentes estratos sociais e políticos permite uma análise aprofundada das relações de gênero e das dinâmicas de poder. Essas configurações identitárias, longe de serem estáticas, materializam-se como processos dinâmicos, em consonância com a perspectiva de James Clifford, segundo a qual as identidades se constroem por meio de “deslocamentos, encontros e traduções” (Clifford, 1997, p. 11).

Outrossim, a estratégia narrativa adotada por Mohamed, ao privilegiar um ponto de vista centrado em corpos femininos, assume especial relevância no contexto da marginalização histórica das mulheres somalis. Nesse sentido, como argumenta Judith Gardner no prefácio de *Somalia – The Untold Story: The War Through the Eyes of Somali Women* (Bushra; Gardner, 2004), o silenciamento sistemático imposto a essas mulheres e sua tendência a compartilhar experiências apenas entre pares tornam ainda mais relevantes as representações literárias que lhes conferem voz. Nesta conjuntura, nota-se que uma compreensão mais aprofundada da obra de Mohamed requer uma análise do contexto histórico e político no qual suas personagens estão inseridas, como faremos a seguir.

Somália pós-independência: ecos de tirania e de conflitos armados na narrativa de Nadifa Mohamed

O pomar das almas perdidas inaugura sua trama

com a introdução das protagonistas e das conjunturas que impulsionaram o entrelaçamento de seus percursos, situando tais ocorrências no bojo das dinâmicas políticas e socioeconômicas de uma Somália recém-emancipada, mas já infligida, em menos de dez anos, pelo jugo de um regime ditatorial. Além disso, a obra insere a Somália no contexto geopolítico da Guerra Fria, atentando-se às reconfigurações estratégicas das potências hegemônicas e às instabilidades decorrentes da desintegração da União Soviética. Paralelamente, ao articular as trajetórias individuais das personagens com a história do país, Mohamed constrói um arco temporal que se inicia com a independência somali, em 1960, e se estende até a década de 1980, quando os primeiros indícios da guerra civil começam a se manifestar. Por conseguinte, sob um viés predominantemente feminino, a narrativa recompõe vestígios de memória e história, ancorando-os em uma espacialidade e temporalidade bem definidas.

A história da Somália, país localizado na região conhecida como Chifre da África, é profundamente caracterizada por processos de colonização e fragmentação territorial, os quais moldaram sua complexa configuração política e social contemporânea. Segundo Hassan Mohamed (1994), durante o período colonial, o território somali foi dividido em cinco regiões distintas: a Somalilândia Britânica, situada ao norte; o Distrito da Fronteira Norte, posteriormente incorporado ao Quênia sob domínio britânico; a Somalilândia Italiana, situada ao sul; a Somalilândia Francesa, que corresponde ao atual Djibuti; e a vasta região de Ogaden, cujas parcelas foram cedidas ao imperador Menelik da Etiópia por três potências europeias em reconhecimento à sua aliança política (Strezeleski, 2015). Dentre essas divisões, apenas a Somalilândia Britânica e a Somalilândia Italiana alcançaram a independência e unificaram-se em 1 de julho de 1960, originando a República Democrática da Somália.

Dado o contexto, é importante ressaltar que essa fragmentação territorial é amplamente reconhecida como um dos fatores determinantes dos conflitos subsequentes, impactando tanto nas relações internacionais da Somália com seus países vizinhos quanto nas tensões políticas e étnicas internas (Mohamed, 1994) – haja vista que as disputas de soberania e instabilidades políticas contribuíram para o desencadeamento de conflitos prolongados, refletindo-se na difícil construção da unidade nacional.

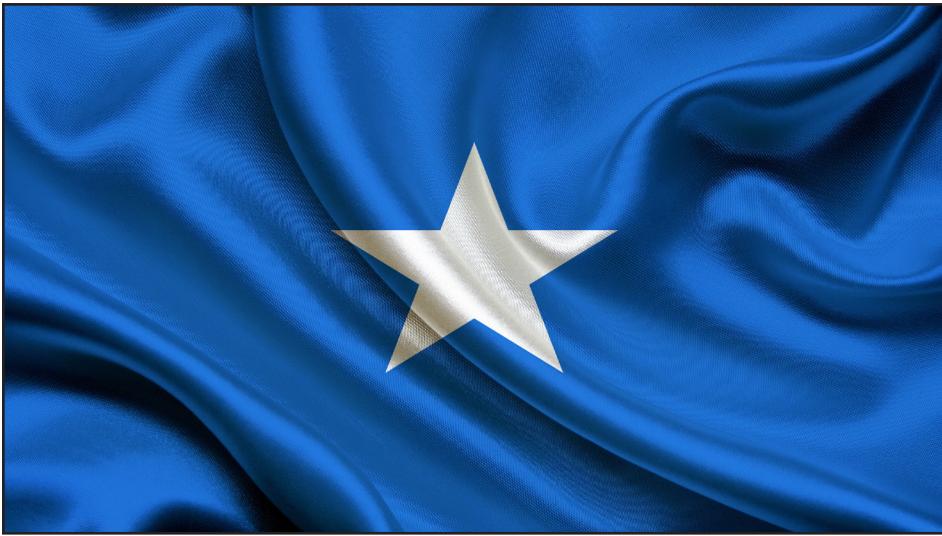
Reverberando esse contexto histórico e político, a narrativa de *O pomar das almas perdidas*, por meio da personagem Kawsar, uma matriarca viúva, introduz, desde suas primeiras páginas, os elementos que caracterizam a dinâmica do contexto em que as protagonistas se inserem, como podemos notar no fragmento a seguir:

Os homens e as mulheres da Guddi, a guarda de bairro do regime, passaram a noite gritando em megafones ordens sobre que roupa usar e onde se reunir. Todas as mulheres se vestiram com o mesmo traje tradicional [...]. As mães da revolução foram chamadas de sua cozinha, de suas tarefas, para mostrar a dignatários estrangeiros como o regime é amado, quanto elas são gratas pelo leite e pela paz que ele lhes trouxe. Ele precisa de mulheres que o façam parecer humano. (Mohamed, 2016, p. 11-13)

Além disso, a questão da independência somali também é introduzida por meio das reflexões da matriarca, cujas memórias evocam a intensa mobilização popular que acompanhou o término da colonização:

Quando os britânicos partiram, em junho de 1960, todos tinham saído de casa em suas melhores roupas e se reunido no *khayriy* omunicipal, entre o banco nacional e a prisão. Era como se estivessem bêbados, descontrolados; as moças engravidaram naquela noite, e, quando lhes perguntavam quem era o pai da criança, respondiam: “Pergunte à bandeira”. Naquela noite, esmagada pela multidão enquanto a bandeira somali era hasteada pela primeira vez, Kawsar perdeu um compromido brinco de ouro que fazia parte do seu dote, mas Farah não se importou – disse que era um presente para a nova nação. (Mohamed, 2016, p. 18).

A partir desse fragmento, nota-se que a narrativa retrata o entusiasmo coletivo que se instaurou em junho de 1960, quando a Somalilândia Britânica obteve sua independência, evento sucedido poucos dias depois pela emancipação da Somália Italiana. A decisão imediata de unificação desses territórios resultou na formação de um novo Estado, ainda que o projeto mais amplo da chamada “Grande Somália” não tenha se concretizado plenamente. Esse ideal, no entanto, foi ressig-



Bandeira da somala. Fonte:goodfon.com

nificado politicamente e encontrou expressão simbólica na bandeira nacional, cuja estrela branca de cinco pontas sobre o fundo azul celeste representa as diversas regiões historicamente habitadas pelos povos somali, incluindo o Distrito Norte do Quênia, as províncias etíopes de Haud e Ogaden, além das antigas colônias sob domínio britânico, italiano e francês (Chenntouf, 2010; Cardoso, 2012).

Na obra de Mohamed, observa-se um percurso narrativo que transita da euforia inicial da independência à frustração imposta pelos desafios dos nacionalismos expansionistas. A partir das reflexões de Kawsar, a autora provoca no leitor reflexões críticas quanto ao impacto da simbologia nacional na intensificação das disputas territoriais com o Quênia e a Etiópia, alimentando reivindicações baseadas em concepções históricas da identidade somali. Dessa maneira, a esperança de autodeterminação, que no início orientava o novo Estado, cede gradativamente espaço à desilusão, à medida que a instabilidade política e militar se aprofunda, conforme observado no seguinte trecho:

Era a estrela que causava toda a aflição: aquela estrela de cinco pontas na bandeira, cada uma delas representante de uma parte da pátria somali, tinha levado o país à guerra com o Quênia e depois com a Etiópia, tinha alimentado um desejo ruinoso de recuperar território que havia sido perdido fazia muito tempo. A última derrota mudou tudo. Depois de 1979, as armas que estavam voltadas para fora inverteram a posição e foram apontadas para os somalis, e a fúria de homens humilha-

dos explodiu de volta sobre o deserto do Haud. (Mohamed, 2016, p. 19).

Conforme argumenta Adedeji (2010), as expectativas otimistas de desenvolvimento econômico após a independência foram amplamente frustradas por crises sucessivas que abalaram o continente, impulsionando instabilidade política e levantes militares. Em diversos países, como a Somália, tais processos culminaram na adoção de políticas de descolonização econômica de matriz socialista. Nesse contexto, a ascensão de Mohamed Siad Barre ao poder, em 1969, por meio de um golpe militar, marcou um período de profundas reconfigurações políticas e sociais.

Na narrativa de Mohamed, essa transição é retratada pelo olhar de Kawsar, que percebe a ascensão do ditador como um desdobramento inesperado da instabilidade subsequente ao assassinato do último presidente democraticamente eleito. O golpe resultou na proclamação da República Democrática da Somália, na dissolução do Parlamento e na instauração de um regime centralizado sob a liderança do Conselho Revolucionário Supremo, comandado por Barre. No entanto, as relações internacionais da Somália sofreram reorientações estratégicas nos anos seguintes, em razão das dinâmicas da Guerra Fria e das disputas geopolíticas no Chifre da África. Inicialmente aliado à União Soviética, o regime de Barre passou a reconfigurar suas parcerias diplomáticas e militares, movimento que teria implicações decisivas para a configuração política e econômica da região a partir do final da década de 1970. Tais mudanças, que alteraram significativamente os equilíbrios de poder na

Somália e no cenário regional, são amplamente abordadas na obra de Nadifa Mohamed.

O desenrolar da Guerra Civil Somali encontra raízes nesses antecedentes históricos e na instabilidade política subsequente. O conflito teve início em 9 de abril de 1978, quando um grupo de oficiais do clã Majeerteen tentou, sem êxito, um golpe de Estado contra o regime autocrático de Siad Barre. Como consequência desse fracasso, formou-se a Frente Democrática para a Salvação da Somália (SSDF), uma das primeiras organizações armadas de oposição, que empreendeu ataques ao governo central. Nos anos seguintes, outras facções insurgentes emergiram, notadamente o Movimento Nacional Somali, fundado em 9 de abril de 1981, seguido pelo Congresso Somali Unido e pelo Movimento Popular Somali, ambos estabelecidos em 1989 (Bushra; Gardner, 2004, p. 230). Assim, em agosto de 1990, essas organizações consolidaram uma aliança contra Barre, o que resultou na tomada da capital, Mogadíscio, pelo The United Somali Congress (USC), em 26 de janeiro de 1991, e na consequente destituição do ditador. No entanto, a queda do regime não significou a pacificação do país, pois a luta pelo controle político intensificou-se entre as diversas facções, levando a uma prolongada guerra civil, caracterizada por massacres, deslocamentos em massa e uma crise humanitária de grandes proporções.

É nesse contexto de guerra e instabilidade que se insere a obra de Nadifa Mohamed, cuja narrativa centra-se nos eventos ocorridos no norte da Somália, região marcada pelo confronto entre as forças governamentais e o clã Isaaq, o mais numeroso do território. Outrossim, a resistência desse grupo remonta à fundação, em 1981, do Movimento Nacional Somali (SNM) por exilados Isaaq residentes em Londres. No romance, essa organização recebe o nome fictício de “Frente de Liberação Nacional” (Mohamed, 2016, p. 124) e sua insurgência tem como objetivo principal a derrubada do regime de Siad Barre.

No entanto, a narrativa de Mohamed não se restringe à exposição dos eventos bélicos, mas prioriza a experiência das mulheres e as repercuções do conflito sobre suas vidas, sobretudo no que concerne às estratégias de sobrevivência adotadas pelas personagens femininas deste romance africano contemporâneo. Como observa Magnus Taylor (2013), a obra desloca a ênfase da guerra para a introspecção das personagens femininas, evitando uma abordagem

tradicionalmente centrada no embate militar e privilegiando uma perspectiva que se desenvolve a partir da subjetividade dos sujeitos.

Corpo, memória, agência e resistência: a representação das personagens femininas em *O pomar das almas perdidas*

Míranos, somos la misma mujer en edades diferente

(Mohamed, 2016, p. 12)

Desde os primeiros momentos da narrativa de Mohamed, torna-se evidente que a experiência feminina não pode ser dissociada das dinâmicas sociopolíticas que a circundam. Na primeira parte do romance, o encontro entre Deqo, Kawsar e Filsan, durante as celebrações da Independência, exemplifica essa interseção, demonstrando a forma como mulheres de distintas gerações, abrangendo períodos que vão da infância à terceira idade, são submetidas a uma estrutura de marginalização e silenciamento dentro de um ordenamento autoritário e patriarcal. Não obstante, se a obra evidencia os mecanismos de coerção estatal que operam pela imposição de uma identidade supostamente homogênea, ela também retrata as personagens não como vítimas passivas, mas como sujeitos dotados de agência crítica, capazes de analisar e contestar os dispositivos normativos que buscam restringir suas existências. A título de exemplo, esse processo pode ser observado na fala de Fadumo, amiga de Kawsar, que, ao se unir a outras mulheres em direção à cerimônia, exprime uma consciência sobre o processo sistemático de apagamento das subjetividades individuais em prol de uma uniformização imposta pelo poder: “Míranos, somos la misma mujer en edades diferente” (Mohamed, 2016, p. 12).

De modo geral, observa-se que essa percepção crítica acerca das relações de gênero, classe e poder não se restringe a Fadumo, mas permeia a subjetividade de diversas personagens femininas ao longo da narrativa. Vale ressaltar que essa lucidez se manifesta de maneira recorrente por meio da ironia, que se configura como um recurso estilístico fundamental na escrita de Mohamed – uma vez que, para além de um artifício retórico, a ironia tensiona as relações discursivas e reforça a complexidade da obra (Hutcheon, 1992), cuja estrutura polifônica e fragmentária amplia a representação das múltiplas facetas da experiência feminina em um contexto

de repressão política e desigualdade social.

Como expusemos, a segunda parte da obra organiza-se em três capítulos, cada qual dedicado a uma das protagonistas, o que favorece nossas análises acerca das suas trajetórias individuais. A saber, a estrutura narrativa ancore-se no presente, contudo, as reminiscências recorrentes ampliam a compreensão de suas experiências pregressas e das contingências que moldam as subjetividades das personagens. Na primeira seção da segunda parte do romance, Deqo, uma criança de nove anos, é introduzida. Ela se encontra em situação de vulnerabilidade extrema após ser brutalmente espancada por Filsan e guardas civis, punição decorrente de sua recusa involuntária em participar de uma cerimônia cívica, da qual tentou evadir-se com a ajuda de Kawsar. Submetida a uma realidade de privação e errância nas ruas de Hargeisa, sua existência é marcada pela necessidade de sobrevivência em um ambiente hostil.

Após um breve período de encarceramento, Deqo é acolhida em um prostíbulo, onde experimenta um sentimento incipiente de pertencimento. Desde sua introdução na narrativa, a menina é representada como um corpo feminino que resiste à normatização social, condição que a coloca em uma posição de marginalidade e invisibilidade. Sua orfandade, a ausência de vínculos familiares conhecidos e o fato de não ter sido submetida à circuncisão reforçam sua condição liminar dentro da estrutura sociopolítica vigente.

A intensificação do descontentamento popular em relação à tirania do Estado manifesta-se de forma crescente nesse segmento. Sob essa ótica, a prisão arbitrária de Deqo, juntamente com estudantes em protesto, ilustra o recrudescimento da repressão estatal. Simultaneamente, a escalada da violência pelo regime repercute na ampliação da atuação dos grupos insurgentes, evidenciando um processo de radicalização do conflito.

A posteriori, o capítulo centrado em Kawsar inicia-se com sua hospitalização, consequência das severas agressões infligidas sob custódia de Filsan. Com múltiplas fraturas no quadril e na bacia, Kawsar é resgatada por amigas e passa a viver confinada em seu bangalô, limitada à imobilidade física. Entre divagações e embates com sua cuidadora, acompanha as transformações sociopolíticas por meio das transmissões de rádio. A dicotomia entre os discursos oficiais e as narrativas insurgentes

torna-se patente: enquanto a mídia estatal projeta uma imagem de estabilidade, as emissoras rebeldes denunciam as atrocidades perpetradas pelo governo. A previsibilidade de seus dias é abruptamente interrompida pelo recrudescimento dos combates e pelos bombardeios sobre Hargeisa, instaurando um clima de iminente desintegração.

O terceiro capítulo apresenta-nos a caracterização de Filsan Adan Ali, cabo do exército somali, cuja trajetória é marcada pelo desejo de reconhecimento paterno, pela adesão irrestrita ao regime e pela repressão de seus próprios anseios. Ao longo da narrativa, o envolvimento da oficial militar com o Capitão Yasin possibilita sua participação ativa nas operações militares contra os insurgentes, ao mesmo tempo em que inaugura um vínculo afetivo incipiente. À medida que o cerco rebelde a Hargeisa se intensifica, a resposta militar traduz-se em medidas de brutalidade crescente, incluindo a destruição de povoados considerados focos de resistência, o recrutamento compulsório de civis e a intensificação de interrogatórios violentos. O ápice narrativo ocorre quando Filsan, ao transitar por uma área até então considerada segura, é surpreendida e acuada por insurgentes armados, encerrando o capítulo de forma abrupta.

A terceira parte do romance corresponde ao desfecho da trama e ao reencontro das protagonistas em meio à intensificação do conflito. O avanço definitivo das forças insurgentes precipita o colapso do regime e instaura um período de caos e guerra civil na Somália. Deqo, Kawsar e Filsan, marcadas por perdas irreparáveis e desilusões profundas, encontram-se diante de uma conjuntura de absoluta incerteza. Entretanto, a narrativa sugere que, mesmo no contexto da desintegração social, a união entre elas possibilita a emergência de um horizonte de reconfiguração. O vínculo de solidariedade estabelecido entre as personagens opera como um elemento simbólico de resistência, um devir que ressoa com a própria busca por reconstrução na sociedade somali e um indício da agência das personagens mediante o contexto político instável.

A noção de agência, categoria que aparece citada desde as primeiras páginas deste artigo, pode ser compreendida de diferentes modos no campo das ciências sociais. Na perspectiva de Bradford *et al.*, em *New World Orders in Contemporary Children's Literature*, agência pode ser entendida como a capacidade



Fonte:garoweonline.com

do sujeito de “efetuar escolhas e assumir a responsabilidade por suas consequências” (2008, p. 31, tradução nossa). Ademais, a noção de agência implica a possibilidade de ação intencional, associada à autonomia e à reflexividade crítica, o que pressupõe um grau de consciência sobre os mecanismos estruturais que condicionam a tomada de decisões. Em regimes ditatoriais, a manifestação da agência feminina é constantemente mediada pelo medo, mas, conforme argumenta Bradford (2008), a coragem não equivale à ausência de temor, mas à capacidade de agir apesar dele, quando os benefícios se sobrepõem aos riscos.

Mas há outras formas de compreender a categoria. Se a considerarmos a partir de perspectivas advindas dos estudos de gênero que incorporam a análise da luta de classes, bem como a abordagem interseccional, a noção de agência revela-se complexa e, por extensão, problemática, na medida em que o sujeito, de modo isolado, não possui condições de modificar integralmente as estruturas sociais vigentes. Nesses termos, torna-se relevante pensar na noção de autonomia, que deve ser compreendida como um fenômeno social de natureza relativa, cujo grau de manifestação depende de uma rede de fatores sociológicos, incluindo tanto as formas coletivas de organização quanto as capacidades individuais de ação. A esse respeito, Margaret Archer (2000) destaca que o grande desafio ao abordar teoricamente a concepção de agência consiste em compreender o agente humano como alguém que, ao mesmo tempo em que é moldado por sua inserção social, também é capaz de transformar, ainda que parcialmente, o contexto em que se encontra.

No âmbito da perspectiva feminista africana e, de modo específico, somali (Medie, 2019; Nnaemeka, 2004; Ossomée, 2020; Mohanty, 2020; Bushra; Gardner, 2004; Oyéwùmí, 2020; Ingriis; Hoehne, 2013), torna-se,

portanto, imprescindível considerarmos os contextos materiais e simbólicos nos quais os sujeitos estão inseridos (Nussbaum, 2002; Sen, 2012). Assim, ao discutirmos a agência de personagens somali do romance de Mohamed, é necessário reconhecer as múltiplas formas de desigualdade – sobretudo de gênero, etnia e classe – que atravessam suas vidas e experiências (Martins, 2025). Reconhecer tais condicionantes não significa, contudo, reduzir esses sujeitos a uma posição de total passividade ou negá-los enquanto agentes. Pelo contrário, trata-se de admitir a existência de agência mesmo em contextos marcados por adversidades. Nesse sentido, a título de exemplo, Bell Hooks (2015) observa que mulheres negras e outros grupos historicamente marginalizados desenvolvem consciência crítica em relação à lógica patriarcal por meio de suas experiências cotidianas de opressão, o que as leva a elaborar estratégias de enfrentamento frente à complexidade e à interconexão das formas de dominação que atravessam suas vidas.

Dessa forma, é válido ressaltar que a intenção de nossa análise não busca negar a influência das estruturas sobre os sujeitos femininos, mas, sim, examinar criticamente como as personagens do romance em análise, em distintas faixas etárias, articulam formas de atuação para resistir às imposições do regime histórico e político que as circunscreve.

À luz das considerações previamente expostas, a dinâmica de agenciamento manifesta-se de maneira particularmente evidente na trajetória de Kawsar, cuja resistência à violência institucionalizada se revela desde os primeiros momentos da narrativa. Contudo, a obra também evidencia que a vida dessa personagem é atravessada por experiências de perda e trauma, que marcam profundamente sua existência, sobretudo após a morte da filha Hodan e do marido, eventos que deixam impactos sobre sua psique e sobre sua relação com o mundo.

Inicialmente reconhecida pelo rigor no papel de mãe e esposa, a idosa encarna os valores de cuidado e proteção exigidos em uma sociedade patriarcal, moldando a filha segundo padrões que, paradoxalmente, limitam sua autonomia e reforçam sua dependência, ilustrando como normas sociais podem perpetuar estruturas de dominação. A morte de Hodan, decorrente de um suicídio em razão de um abuso sexual, catalisa, entretanto, uma transformação significativa em Kawsar, despertando nela uma consciência crítica diante das injustiças e do autoritarismo que estruturaram seu contexto social e político. Em nossas análises, compreendemos que essa transformação se evidencia na superação do medo que anteriormente a silenciava, permitindo-lhe agir em defesa da justiça e da proteção de outras mulheres, pois, como revela a narrativa, “Kawsar sente alguma coisa que foi liberada dentro de si, algo que esteve contido – amor, raiva, até um senso de justiça, não sabe o que é, mas isso lhe esquenta o sangue” (Mohamed, 2016, p. 25).

Assim, ao interceder em favor da jovem Deqo contra a brutalidade dos agentes do regime, Kawsar sofre severas represálias, reiterando um padrão de insurgência que se prolonga ao longo do romance e culmina na cena em que, impulsionada pela dor e pela memória de suas perdas, cospe na efígie do presidente, gesto que provoca inquietação nos presentes. Tal ato inscreve-se como um desafio explícito ao poder instituído, cuja manutenção se ancora na coerção física e psicológica como seus principais instrumentos de controle:

Em poucos segundos, a arquibancada desaparece e um retrato tremulante de Oodweyne encara Kawsar. Alguns rebeldes se recusam a erguer as placas, formando pequenos buracos no rosto dele, mas a mensagem é clara: o presidente é um gigante, um deus que toma conta deles, que pode se dissolver em pedaços e ouvir e ver tudo o que eles fazem [...] Antes que se lembre de onde está, ela cospe violentamente diante da visão, fazendo ofegar os espectadores que a cercam. – O que você está fazendo? – exclama Dahabo, apertando com força o antebraço de Kawsar. Kawsar não sabe, não está realmente ali; apenas vira um rosto que a enoja e reagira a ele. As expressões na leira de baixo reagem choque e medo de que ela tenha atraído a atenção para eles, mas Kawsar

não consegue mais compreender esse medo, ele parece muito insignificante e inútil em comparação com o que ela viveu. (Mohamed, 2014, p. 17-18).

Outrossim, no romance, a agência feminina frequentemente se traduz como resposta ao aparato repressivo do Estado e à ordem patriarcal que o sustenta. Nesse sentido, Filsan, inicialmente, incorpora os valores do regime e imagina-se como agente de sua edificação, vislumbrando a possibilidade de ascensão dentro da estrutura militar, almejando ser “um novo tipo de mulher, com as mesmas capacidades e oportunidades de qualquer homem” (Mohamed, 2014, p. 213). Entretanto, à medida que se depara com a barreira do patriarcado, sua desilusão cresce. A cena em que, após submeter Kawsar a um episódio de brutalidade, Filsan se depara com sua própria impotência everte lágrimas, simboliza esse momento de ruptura. Ademais, em análise, observamos que a metáfora do eco de suas botas dissipando-se no corredor adensa a percepção de seu afastamento progressivo dos ideais revolucionários que outrora a mobilizavam: “A moça meneia a cabeça, com lágrimas nos olhos, e saiu correndo da sala. À medida que ela avançava pelo corredor, o barulho de suas botas vai diminuindo até desaparecer” (Mohamed, 2014, p. 44).

Desse modo, a renúncia de Filsan aos ideais nacionalistas pode ser analisada sob duas perspectivas complementares. Primeiramente, essa ruptura configura-se como uma forma de resistência à instrumentalização das mulheres pelo regime, que as utiliza como meras peças em sua estrutura de poder (Spivak, 2014). Em segundo lugar, evidencia a percepção de que sua tentativa de se tornar um “homem honrário”, isto é, internalizando e reproduzindo a lógica de violência perpetrada pelos seus pares masculinos, estava inevitavelmente condenada ao fracasso – uma vez que o aparato estatal, fundamentado em concepções patriarcais inflexíveis, jamais a reconheceria como uma igual, relegando-a a uma posição subalterna (Spivak, 2014) dentro da hierarquia militar. Diante dessa constatação, sua decisão de partir para o Campo de Refugiados de Saba’ad, para além de um movimento de fuga, também se caracteriza como um movimento simbólico de ruptura com as amarras institucionais que a confinavam. Em nossas análises, consideramos que esse deslocamento, portanto, pode ser interpretado como um gesto definitivo de autodeterminação, marcando sua emancipação e a reconfiguração de sua identidade em oposi-

sião à lógica patriarcal que rege o Estado.

Nuruddin Farah, em *Yesterday, Tomorrow: Voices from the Somali Diaspora* (2000), argumenta que a violência sistêmica na Somália engendrou um estado de desagregação social irreversível, impulsionando milhares ao exílio. Para elucidar a representação das imagens simbólicas, o autor descreve o país como um corpo político em decomposição, em que a estrutura estatal se converte em um aparato de perpetuação da injustiça (Farah, 2000). Nesses termos, observamos que o deslocamento de Filsan se insere nesse panorama de desterritorialização e ressignificação identitária, associado a um processo de insurgência subjetiva e busca por emancipação.

Dentre as protagonistas, Deqo manifesta uma agência que se constrói a partir da precariedade extrema, pois, apesar de pueril, a menina vive imersa na luta pela sobrevivência, marcada por carências materiais e por um estigma social que a persegue como uma sombra. Insultada de forma reiterada, sem sequer compreender plenamente as palavras que lhe são dirigidas, ela carrega um rótulo que evidencia a misoginia estrutural de sua comunidade:

“Filha da puta, filha da puta, filha da puta!” Era o que as outras crianças no campo lhe gritavam, pelo tempo que ela consegue se lembrar, mas não sabia o que era uma puta; parecia algo ruim, como um canibal, uma bruxa ou um tipo de jinn, mas nenhum adulto descrevia o que tornava uma puta puta, e as crianças não pareciam saber muito mais do que ela. Era filha do pecado, diziam, a bastarda de uma mulher perdida. (Mohamed, 2016, p. 67).

Posteriormente, o acaso conduz Deqo a um bairro marginalizado, onde sua ingenuidade entra em nítido contraste com a dureza da realidade social. No prostíbulo que precariamente a acolhe, ela conhece Nasra, cuja trajetória de abandono e privação espelha a sua própria, evidenciando que a inserção precoce na prostituição não decorre de uma escolha individual, mas constitui resultado direto de estruturas sociais marcadas pela exclusão e pela carência de oportunidades. Nesse ponto, observa-se que a breve troca semeia em Deqo a compreensão embrionária de que a solidariedade entre mulheres é um mecanismo vital de sobrevivência diante de contextos marcados por opressão e vulnerabilidade.

Ademais, criada em um ambiente hostil, Deqo desenvolve estratégias de sobrevivência que desafiam sua condição de vulnerabilidade. Por exemplo, consciente das ameaças que a cercam, reconhece os riscos de dormir em locais expostos ou de interagir com homens desconhecidos (Mohamed, 2014, p. 82). Enquanto Filsan busca legitimidade dentro das estruturas masculinas de poder, Deqo afirma sua autonomia por meio da resistência direta; quando um homem tenta agarrá-la, ela se desvencilha e o insulta, identificando sua intenção predatória (Mohamed, 2014, p. 53). Posteriormente, ao ser alvo de uma tentativa de estupro, a menina reage violentamente, cravando uma lâmina no olho do agressor antes de fugir (Mohamed, 2014, p. 116). Tal episódio, em particular, ilustra não apenas sua acuidade na leitura das dinâmicas de violência de gênero, mas também sua capacidade de responder ativamente a tais ameaças. Assim, no decorrer do percurso narrativo, a trajetória da menina é marcada por atos que reafirmam sua autodeterminação e sua agência como ferramenta de autopreservação e sobrevivência, pois, ainda que seja uma criança, Deqo se recusa a ocupar a posição de vítima passiva.

Após vivenciar sucessivas adversidades, Deqo, novamente em condição de isolamento, chega a uma cidade devastada pelos bombardeios e dirige-se a uma residência ladeada por um pomar em busca de abrigo. Nesse local, reencontra Kawsar, gravemente ferida em decorrência de uma explosão. A esse respeito, vale ressaltar que o próprio título da obra, *O Pomar das Almas Perdidas*, opera em múltiplos níveis simbólicos, articulando dimensões pessoais, coletivas e históricas da narrativa. Assim, compreendemos que o termo “pomar” sugere um espaço de cultivo e cuidado, originalmente associado à vida familiar e à memória afetiva de Kawsar, mas que, ao longo da narrativa, passa a refletir a necessidade de reconstrução frente à perda e à devastação emocional. Ao mesmo tempo, a expressão “das almas perdidas” nos remete à destruição da comunidade somali em decorrência da guerra e do autoritarismo, implicando que as experiências individuais de dor são inseparáveis do contexto sociopolítico. Entretanto, simbolicamente, ao cultivar o pomar, Kawsar tenta restabelecer a ordem e a vida em um mundo marcado pela perda, simbolizando a capacidade de agência mesmo diante de condições estruturais adversas.

Ao longo da narrativa, o vínculo entre as duas mulheres se fortalece por meio de gestos de cuidado, empatia e solidariedade, de

modo que Deqo, motivada pelo acolhimento recebido, manifesta seu desejo de proteger Kawsar, propondo levá-la a um local seguro. Paralelamente, a narrativa de Filsan atinge um momento de ruptura quando, durante uma operação sob o comando do Capitão Yasin, um ataque insurgente provoca a morte do capitão e a coloca em estado crítico. Assim, após ser conduzida ao hospital militar, Filsan é confrontada com as engrenagens da injustiça estrutural, experiência que precipita sua decisão de desertar e, consequentemente, a transforma em alvo da perseguição das forças armadas. É nesse contexto que Deqo intervém, oferecendo abrigo e proteção, o que configura um ponto nodal na articulação narrativa que reúne as três protagonistas.

A partir desse instante, opera-se uma inversão simbólica das hierarquias de poder: a jovem, anteriormente submetida à violência de Filsan, assume a função de sua protetora. Assim, o reencontro entre ambas é marcado por tensões e por um processo de reconhecimento recíproco, tendo em vista que Kawsar também fora alvo das ações da militar. Contudo, é importante destacar que a decisão de a perdoar simboliza um rompimento com a perpetuação patriarcal da violência, ao passo que sinaliza a emergência de formas alternativas de agência feminina, fundadas na solidariedade e na reconfiguração dos vínculos, mesmo em cenários de extrema adversidade. As trajetórias entrelaçadas dessas mulheres revelam, assim, modalidades plurais de resistência e processos de construção identitária que dialogam com experiências históricas e sociais de mulheres somalis, africanas e negras.

Considerações finais

Nos momentos finais do romance, Deqo assume a função de conduzir Kawsar e Filsan pelas ruas devastadas de Hargeisa até o campo de refugiados de Saba'ad. Embora suas ações possam, à primeira vista, parecer circunstanciais, elas adquirem um significado simbólico, pois representam a concretização da agência feminina em meio ao caos instaurado pelo colapso do regime. O enredo sugere que a possibilidade de transformação da realidade, ainda que de forma limitada, está intrinsecamente ligada a Deqo, que se torna responsável por intervir ativamente para garantir não apenas sua própria sobrevivência, mas também a das demais personagens femininas. Dessa forma, sua trajetória se estabelece como um contra-ponto à violência e à opressão que permeiam

o contexto sociopolítico da narrativa, pois, mesmo privada de recursos materiais ou de um espaço de pertencimento, Deqo resiste à marginalização imposta tanto pela sociedade patriarcal quanto pelo conflito armado. Ao final, é por meio de sua mobilidade e de suas ações concretas que se insinua uma possibilidade, ainda que frágil, de reconstrução e ressignificação da existência em meio à devastação.

De tal modo, compreendemos que, no romance de Nadifa Mohamed, a violência perpetrada por homens em uma sociedade militarizada se configura como uma força dominante que subjuga as três protagonistas: Deqo, Kawsar e Filsan. Não obstante, de modo geral, o romance se constitui como um arquivo literário-imaginário de vozes femininas que possibilita ao leitor constituir um imaginário acerca das angústias e das diversas formas de violência que permeiam as vidas das mulheres de papel, mas também das suas formas de resistência e de agência. Nesses termos, a narrativa atua, portanto, como um arquivo polifônico de mulheres, refletindo a pluralidade de experiências femininas em distintos períodos históricos, espaços e estratos sociais.

Assim, as três personagens representam figuras femininas que, cada uma a seu modo, confrontam e buscam subverter as estruturas de dominação em que estão inseridas. A partir de seus distintos posicionamentos sociais e culturais, elas questionam e desafiam o *status quo*, ainda que tal insurgência lhes imponha cicatrizes, sejam elas físicas ou psíquicas. Ainda assim, tais experiências de resistência não permanecem circunscritas ao âmbito individual, pois se convertem em elos de uma rede de solidariedade feminina que, ao instaurar práticas de sororidade, questiona e desestabiliza a ordem patriarcal, oferecendo novos modos de pensar a interdependência entre mulheres em contextos de opressão.

Nesse sentido, a escrita de Nadifa Mohamed configura-se como um projeto literário e político de revisão epistemológica, desestabilizando narrativas eurocentradas que historicamente monopolizam a representação do Chifre da África, e em especial da Somália e de suas mulheres. Para além dos contornos das dimensões estritamente ficcionais, a escrita de Mohamed insere-se no campo das “formas africanas de autoinscrição” (Mbembe, 2001). Nesses territórios discursivos, os sujeitos historicamente relegados à margem reinscrevem suas experiências, reivindicando a

autonomia de sua voz, memória e testemunho.

Referências

- ARCHER, Margaret. *Being Human: The Problem of Agency and the Promise of Autonomy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- ADEDEJI, Adebayo. Estratégias comparadas da descolonização econômica. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (ed.). *História Geral da África*. Volume VIII: África desde 1935. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2010, p. 471-516.
- BAMISILE, Sunday Adetunji. *Questões de gênero e da escrita feminina na literatura africana contemporânea e da diáspora africana*. 519p. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Lisboa, Universidade de Lisboa, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/8699>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- BRADFORD, C. et al. *New World Orders in Contemporary Children's Literature: Utopian Transformations*. New York: Palgrave MacMillan, 2008.
- BUSHRA, Judy; GARDNER, Judith El. *Somália – the Untold Story: the war through the eyes of somali women*. London: Pluto Press, 2004.
- CARDOSO, Nilton César Fernandes. *Conflito armado na Somália: análise das causas da desintegração do país após 1991*. Monografia de Conclusão de Curso em Bacharelado em Relações Internacionais. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- CHENNTOUF, Tayeb. O chifre da África e a África setentrional. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (ed.). *História Geral da África*. Volume VIII: África desde 1935. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2010, p. 33-66.
- CLIFFORD, J. *Routes: travel and translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1997.
- DUNLOP, R. *Memoirs of a Sirdar's Daughter in Canada: hybridity and writing home*. In: AGNEW, V (ed.). *Diaspora, memory and identity: a search for home*. Toronto: University of Toronto Press, 2013. p. 115-150

- FARAH, N. *Yesterday, Tomorrow: Voices from the Somali Diaspora*. New York: Cassell Academic, 2000.
- GAGIANO, A. 2015 Contemporary Female African Authors Imagining the Postcolonial Nation: Two Examples. In: Nicholson, Roger Marquis, Claudia and Szamosi, Gertrud (eds), *Contested Identities: Literary Negotiations in Time and Place*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, p. 177-196.
- HARRIS, Leila. O hífen como contraponto: o hibridismo de identidades diáspóricas. In: HENRIQUES, A.L.S.H. (org.). *Feminismos, identidades, comparativismos: vertentes nas literaturas de língua inglesa*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2009. p. 61-72
- HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 16, p. 193-210, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>. Acesso em: 8 jun. 2025.
- HUTCHEON, L. *A Poetics of postmodernism*. New York and London: Routledge, 1992.
- INGRIIS, Mohamed; HOEHNE, Markus. The impact of civil war and state collapse on the roles of Somali women: a blessing in disguise. *Journal of Eastern African Studies*, v. 7, n. 2, 2013, p. 314-333.
- LAVERDE, S. D. S. *Resistência feminina e feminismo africano em 'Without a Name', de Yvonne Vera*. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- MARTINS, Catarina. *Mulheres, raça e etnicidades: introdução aos feminismos decoloniais*. Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra, 2025.
- MARTINS, Catarina Isabel Caldeira. 'La Noire de...' tem nome e tem voz. A narrativa de mulheres africanas anglófonas e francófonas para lá da Mãe África, dos nacionalismos anticoloniais e de outras ocupações". *E-cadernos CES* [Online], 12, 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ceces/711>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- MATZKE, Christine. Writing a Life into History, Writing Black Mamba Boy: Nadifa Mohamed in Conversation. *Northeast African Studies*, v. 13, n. 2, p. 207-224, 2013. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1353/nas.2013.0020>. Acesso em: 08 jun. 2025.
- MBEMBE, A. As formas africanas de auto-inscrição. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 23, n. 1, p. 171-209, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2001000100007&script=sci_abstract&tlang=pt. Acesso em: 09 jul. 2025.
- MEDIE, Peace A. Introduction: Women, Gender, and Change. *Africa. African Affairs*, v. 121, n. 485, p. 67-73, 2019.
- MOHAMED, H.A. Refugee Exodus from Somalia: Revisiting the Causes. *Refugee: Canada's Journal on Refugees* 14(1), 1994, p. 6-10.
- MOHAMED, Nadifa. *Quando eu me tornei negra*. YouTube. Publicado em 24 fev. 2017a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=17f2wbDrVs&t=1034s>. Acesso em: 14 jan. 2025
- MOHAMED, Nadifa. *Great Writers Inspire at Home: Nadifa Mohamed on travelling, home and belonging in Black Mamba Boy*. YouTube. Publicado em 20 set. 2017b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4yIwdeJJRcw&t=13s>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- MOHAMED, Nadifa. *O pomar das almas perdidas*. Tradução Otacílio Nunes. São Paulo: Tordesilhas, 2016.
- MOHANTY, Chandra Talpade. Sob olhos ocidentais: estudos feministas e discursos coloniais [Under Western Eyes]. Trad. Ana Bernstein. In: *Sob olhos ocidentais*. Rio de Janeiro: Zazie, 2020, p. 7-61.
- NNAEMEKA, Obioma. Nego Feminism: Theorizing, Practicing and Pruning Africa's Way. *Signs*, v. 29, 2004, p. 357-385.
- OLIVEIRA, Valeria Silva de. A Somália da Imaginação de Nadifa Mohamed: uma poética da diversidade. In: HENRIQUES, A.L.S.; MONTEIRO, M.C. (Org.). *Escritos discentes em literaturas de língua inglesa*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018. p. 228-236
- OSSOME, Lyn. African Feminism. In: RABAKA, R. (org.). *Routledge Handbook of Pan-Africanism*. Londres: Routledge, 2020. p. 159-170.
- OYEWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In.: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamentos feministas hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 84-95.
- ROLLMANN, Rhea. Nadifa Mohamed: Writing the Lives of Somalia's Women. *PopMatters*, 24 jun. 2015. Disponível em: <https://www.popmatters.com/194787-nadifa-mohamed-2495514628.html>. Acesso em: 06 jul. 2025
- SAES, Stela. Trajetória contemporânea em territórios africanos: as experiências românicas de Paulina Chiziane em Moçambique e Sefi Atta na Nigéria. *Caderno Seminal*, Rio de Janeiro, n. 39, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/58529>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- STREZELESKI, Renato Lopes. *A Somálilândia e o desenvolvimento autônomo do Estado: um estudo de caso*. Monografia de Conclusão de Curso em Bacharelado em Relações Internacionais. Brasília: Centro Universitário de Brasília, 2015.
- TAYLOR, Magnus. An Interview with Nadifa Mohamed: "I don't feel bound by Somalia... but the stories that have really motivated me are from there." *African Arguments*, 7 nov. 2013. Disponível em: <https://africanarguments.org/2013/11/an-interview-with-nadifa-mohamed-i-dont-feel-bound-by-somaliabout-the-stories-that-have-really-motivated-me-are-from-thereby-magnus-taylor/>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- TEMBO, Nick Mdika. "Made of Sterner Stuff": Female Agency and Resilience in Nadifa Mohamed's *The Orchard of Lost Souls*. *Journal of Literary Studies*, v. 35, no. 3, 2019, p. 1-18. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02564718.2019.1657278>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- TRINDADE, Catarina Casimiro; FIDALGO, Maisa Cardozo. Feminismos. In: GALLO, Fernanda (org.). *Breve dicionário das literaturas africanas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022. p. 93-101.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórico e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: uma perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes. [1997] 2014. p. 7-72.